

PERFIL DE USUÁRIOS DE DROGAS EM CENTROS TERAPÊUTICOS DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE

Bruno Moura Lacerda¹
Germana Mariz Queiroga Veras Pinto²
Sarah Mariz Queiroga Veras Pinto³
Maria Anunciada Agra de Oliveira Salomão⁴

RESUMO

O uso indiscriminado de substâncias psicoativas tornou-se um fenômeno mundial. Apesar de o consumo destas substâncias datar dos primórdios da humanidade, os problemas decorrentes do uso abusivo e da dependência química têm sido relatados recentemente. A dependência química, constituindo-se um grave problema de saúde pública, causa uma série de prejuízos socioeconômicos, ocupacionais, psicológicos e físicos aos seus usuários. Há registros de mudanças ocorridas no perfil dos consumidores de substâncias psicoativas, ao longo dos anos, em decorrência da difusão de variados tipos de drogas e da iniciação do consumo em idade cada vez mais precoce. Neste contexto, desenvolveu-se o presente artigo, com o objetivo de investigar o perfil de usuários de drogas, internos em dois Centros Terapêuticos do Estado do Rio Grande do Norte-Brasil. Buscou-se, em estudos da especializados, estabelecer conexões entre prazer e vício, para uma melhor compreensão da dependência química. A metodologia desenvolve-se sob a forma de estudo documental e a pesquisa empírica baseou-se na coleta de dados extraídos de prontuários médicos de pacientes internos, no período compreendido entre outubro de 2013 a março de 2014, após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa, sob protocolo nº 155/14. O estudo foi desenvolvido com quarenta e dois (n=42) pacientes do sexo masculino, adultos jovens, de meia idade e idosos, internos nos referidos Centros, destinados ao tratamento e à reabilitação de dependentes químicos. A partir das análises realizadas, pôde-se concluir que o perfil mais recorrente de dependentes de substâncias psicoativas, assistidos naqueles Centros, corresponde a indivíduos solteiros, adultos jovens, não brancos, com certo grau de escolaridade, dependentes de cocaína/crack, com histórico de mais de uma internação, consumo iniciado em idade precoce e, quase a totalidade, a partir do uso de álcool. O conhecimento do perfil de usuários de substâncias psicoativas torna-se um referencial relevante, para fundamentar políticas públicas de prevenção e de combate ao uso de drogas e à oferta de tratamento aos usuários.

Palavras-chave: Dependência química. Saúde mental. Usuários de drogas.

¹ Especialista em Psiquiatria pela Secretaria Estadual de Saúde Pública do Rio Grande do Norte, Capacitado profissionalmente em Medicina do Sono pelo Instituto do Sono de São Paulo, Pós-graduado em Dependência Química pelo Instituto Superior de Educação de Minas Gerais. Endereço: Rua Santos Coelho Neto, número 495, Edifício Vancouver, apto. 101. Bairro: Manaíra. Cidade: João Pessoa CEP: 5838451. Telefone: (83) 8730-8393. E-mail: brunomedjpa@hotmail.com.

² Graduada em Medicina pela Faculdade de Medicina Nova Esperança. Atualmente, R1 em Oftalmologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

³ Acadêmica do Curso de Medicina pela Faculdade de Medicina Nova Esperança-FAMENE.

⁴ Orientadora Profa. Médica pela Faculdade de Medicina Nova Esperança-FAMENE. Endereço: Av. Ingá, 250. Bairro Manaíra – João Pessoa/PB. Fone: (83) 3227-0175. E-mail: masagra40@gmail.com.

INTRODUÇÃO

O consumo de substâncias psicoativas, sempre, esteve presente ao longo da história da humanidade. Registros históricos revelam que o homem, sempre, buscou formas de alterar o seu estado de consciência. O consumo de drogas esteve, em geral, vinculado a práticas culturais e religiosas vigentes nas sociedades. Entretanto, a banalização do uso dessas substâncias tornou-se um fenômeno mundial e tem gerado um impacto social importante¹.

Os problemas decorrentes da dependência de drogas passaram a ser relatados e ganharam maior destaque, principalmente, após a revolução tecnológica do século XIX e da consolidação do capitalismo industrial. A droga converteu-se em mercadoria, a sua produção foi intensificada e observou-se a popularização de substâncias com efeitos sobre o sistema nervoso central¹. Esse fato contribuiu para que, certa parcela da sociedade, se tornasse mais exposta ao risco de desenvolvimento de padrões mal adaptativos de consumo, como, por exemplo, os padrões de uso abusivo e dependência².

Na atualidade, a dependência química constitui um problema grave de saúde pública, por ser responsável por uma série de prejuízos socioeconômicos, ocupacionais, psicológicos e físicos aos seus usuários. Tanto no mundo quanto no Brasil, estudos especializados revelam que há uma semelhança no perfil de usuários de substâncias psicoativas. Dentre esses, os mais propícios ao uso abusivo ou dependência de drogas encontram-se os jovens, desempregados, com baixa escolaridade, baixo poder aquisitivo e provenientes de famílias desestruturadas³. Todavia, tem-se observado a difusão das drogas por todas as classes sociais e a iniciação do consumo em idades, cada vez mais, precoces, quase sempre, precedida pelo uso do álcool⁴.

O conhecimento do perfil de usuários de substâncias psicoativas torna-se um referencial importante, para fundamentar políticas públicas de prevenção e de combate ao uso de drogas e à oferta de tratamento aos usuários. Neste particular, reside a relevância do presente trabalho, que teve como objetivos identificar o perfil de usuários de drogas, internos em dois Centros Terapêuticos do Estado do Rio Grande do Norte-Brasil; e subsidiar políticas públicas de prevenção, de tratamento de dependentes químicos e de combate ao uso de drogas.

METODOLOGIA

A metodologia desenvolveu-se sob a forma de pesquisa quantitativa. A sistematização do conhecimento interpretativo da realidade social e as informações dos sujeitos investigados pressupunham descrição e interpretação dos dados levantados, assim como explicitação dos nexos causais dos fenômenos analisados.

A investigação empírica desenvolveu-se sob a forma de análise documental de pacientes internos em dois Centros Terapêuticos do Estado do Rio Grande do Norte.

Foram submetidos a análises, os prontuários médicos de 42 (n=42) pacientes. Os critérios de inclusão foram pacientes do sexo masculino, adultos jovens, de meia idade e idosos, internados nos referidos Centros Terapêuticos, destinados ao tratamento e à reabilitação de dependentes químicos, no período de outubro de 2013 a março de 2014. A investigação ocorreu nesse mesmo período.

Após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Medicina Nova Esperança-FAMENE, sob protocolo nº 155/14, realizou-se o

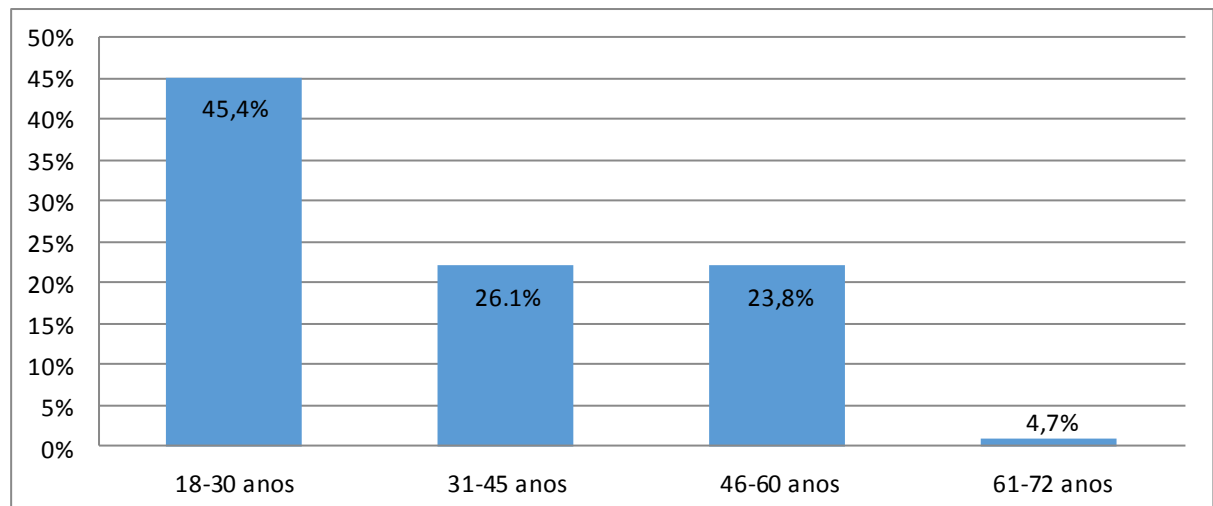
levantamento das informações, a partir da aplicação de um formulário estruturado, tomando como referência indicadores do perfil e de dependência dos referidos pacientes, tais como: idade, cor, estado civil, nível de escolarização, droga de predileção e idade de início do consumo, número de internações e comorbidades.

As informações foram sistematizadas em categorias, que possibilitassem a análise e a construção do perfil dos sujeitos da investigação.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A idade dos usuários de substâncias psicoativas, assistidos nos dois Centros Terapêuticos investigados, variava de 18 a 72 anos, sendo a média de idade estimada em 35 anos.

Figura 1 – Prevalência da faixa etária dos pacientes assistidos nos Centros Terapêuticos

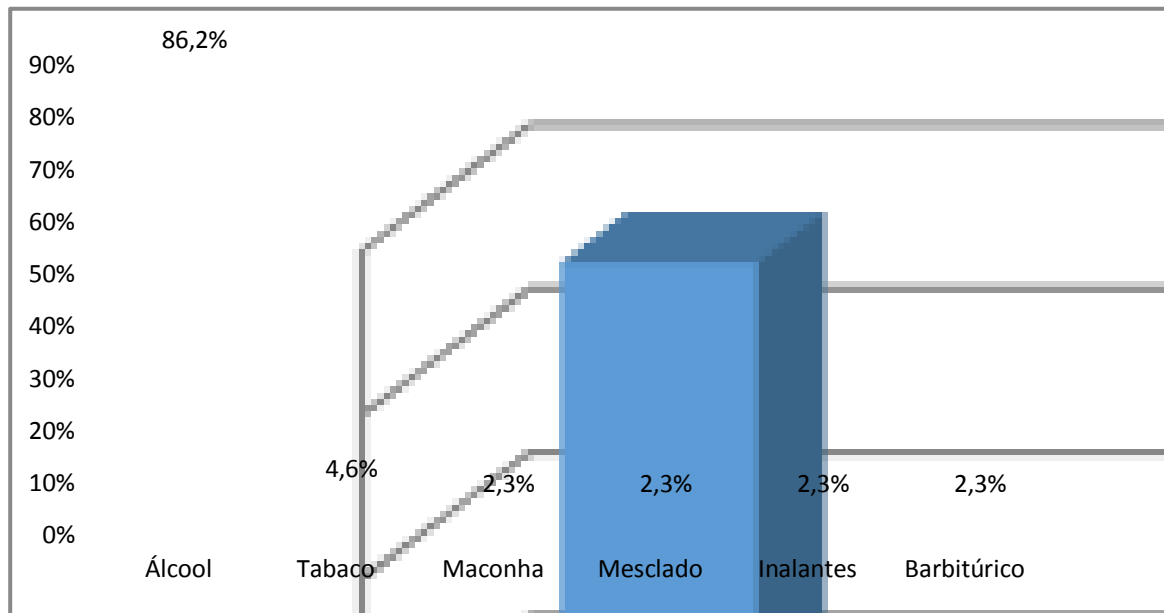


Fonte: dados estatísticos coletados pelo pesquisador. Ano: 2014

Conforme ilustrado na Figura 1, verificou-se que a maior incidência, revelada no percentual de 45,4%, recaiu sobre a faixa etária compreendida entre 18-30 anos, definida como adulto jovem pela Organização Mundial de Saúde. Em seguida, situa-se a idade madura, compreendida na faixa etária entre 31-45 anos, expressa no percentual de 26,1%.

O achado relativamente ao primeiro índice encontra-se em consonância com os dados da literatura vigente, que demonstra ser a faixa etária de adulto jovem que apresenta risco mais elevado para o consumo e abuso de substâncias químicas. Este risco sobressaltado parece ocorrer devido a esta fase situar-se na transição entre a adolescência e a idade adulta e sobre ela incidir muitas mudanças na formação e trajetória destes indivíduos e torná-los mais vulneráveis e susceptíveis a comportamentos desviantes⁴.

Em relação à idade em que foi iniciado o consumo de substâncias psicoativas pelos pacientes, observou-se uma variação entre as idades de 8 a 20 anos, sendo a média de idade estimada em 13 anos e a droga de maior prevalência, neste período, foi o consumo de álcool, revelado no percentual de 86,2%, conforme demonstrado na figura 2.

Figura 2 – Idade de início do consumo de substâncias psicoativas

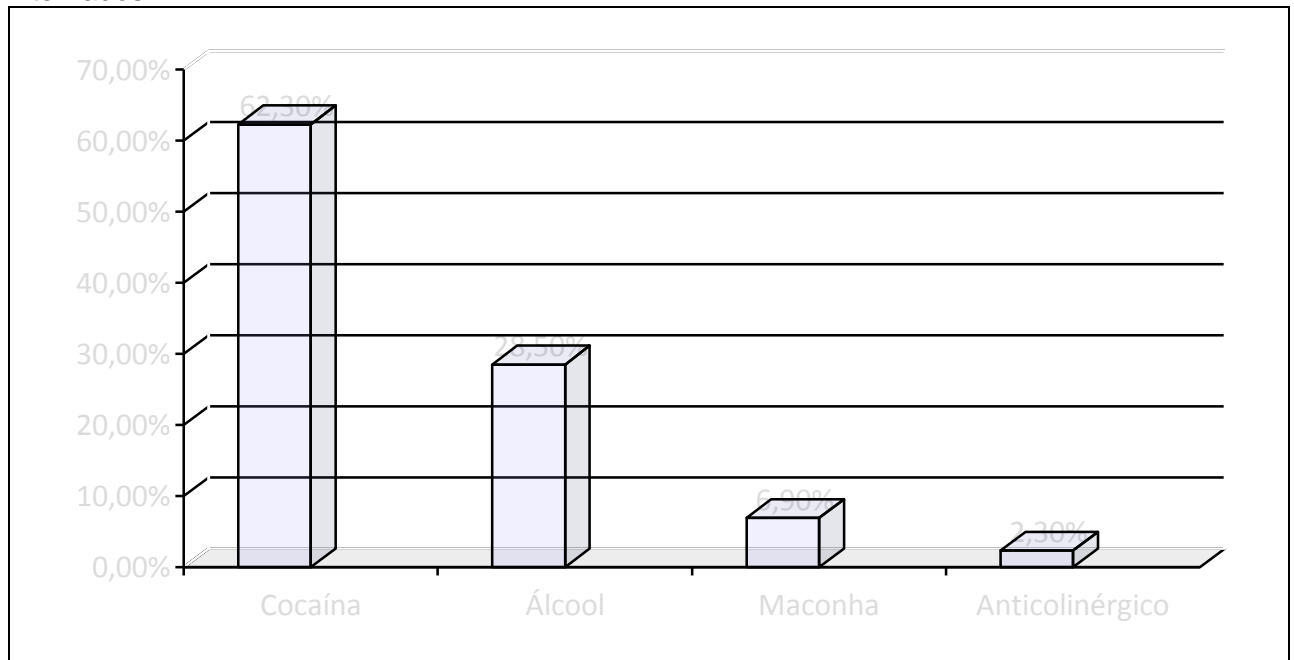
Fonte: dados estatísticos coletados pelo pesquisador. Ano: 2014

Conforme a literatura especializada, entre as substâncias psicoativas lícitas e ilícitas, o álcool é a mais consumida em todo o mundo, seguida pela maconha, na segunda fase de experimentação. A cada ano, estipula-se que cerca de 40% da população mundial, algo em torno de dois bilhões de pessoas acima de 15 anos, consomem bebidas alcóolicas⁵.

Conforme dados divulgados pelo Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (CEBRID), referentes ao segundo levantamento domiciliar sobre o uso de drogas psicotrópicas, no Brasil, realizado no ano de 2005, o álcool foi a substância mais consumida pela população brasileira e a que mais causa dependência, revelando-se nos percentuais de 74% e 12%, respectivamente⁶.

No tocante à droga de consumo, que determinou o diagnóstico de dependência química nos pacientes assistidos, nos dois Centros Terapêuticos investigados, observou-se, conforme ilustrado na Figura 3, a prevalência da cocaína/crack, com 62,3%, seguida pelo álcool, com o percentual de 28,5%. Para a caracterização da substância causadora de dependência, utilizou-se a Classificação Internacional de Doenças, CID-10, que classifica o consumo, de acordo com a substância mais importante em uso pelo paciente.

Figura 3 – Substância psicoativa causadora de dependência química nos pacientes internados.



Fonte: dados estatísticos coletados pelo pesquisador. Ano: 2014.

Buscou-se, em estudos desenvolvidos na neurociência¹, estabelecer conexões entre prazer e vício, para explicitar como o prazer, ao mesmo tempo em que é motivador da vida, pode se transformar em vício ou atrair censuras sociais. Neste particular, o cérebro e a mente processam experiências vivenciais, na busca permanente do prazer. Os dados obtidos nesse estudo apresentam-se em consonância com informações registradas na literatura atual. A maconha, embora seja a droga ilícita de maior consumo no Brasil e no mundo, sendo o seu consumo estimado em torno de 180 milhões, ou seja, 3,9% da população mundial entre 15-64 anos, a cocaína, na forma de crack foi a droga ilícita, cuja demanda por tratamento mais aumentou nos últimos anos no Brasil⁷.

O crack, certamente, foi a droga que mais invadiu o cenário das famílias brasileiras e dos noticiários, nos últimos 20 anos. O mesmo fenômeno vem sendo observado em outros países. Na Holanda e na França, o consumo de crack tem alcançado níveis alarmantes. Contribuem para tal aumento, os seguintes fatores: o baixo preço da droga, a rapidez de instalação de sensação extremamente prazerosa, cerca de 10 a 15 segundos, a intensa euforia provocada pelo consumo, sua curta duração, cerca de 5 minutos, e o forte desejo de repetir a dose⁸.

A prevalência do crack, também, é identificada no último Relatório Mundial sobre Drogas e Crime, lançado em 2013, pelo Escritório das Nações Unidas. Segundo o referido Relatório, em maior parte dos países do mundo, observou-se uma estabilidade no consumo de drogas tradicionais, como a cocaína e a heroína, e um aumento alarmante do uso de novas substâncias psicoativas. Incluem-se, entre estas, as chamadas “designer drugs” ou drogas projetadas. Estas têm criado desafios inesperados à área da saúde pública e preocupado autoridades, ao propiciarem um comércio ilícito e uma proliferação em ritmo desenfreado⁹.

Ainda conforme o mesmo Relatório, o mercado de cocaína parece estar em expansão, na América do Sul. No Brasil, observou-se um aumento no uso da droga,

passando do percentual de 0,7% de consumo, no ano de 2005, para 1,7%, no ano de 2011. Nessa perspectiva, o acréscimo de consumo parece justificar-se pelo fato de o Brasil estabelecer fronteiras com países fontes da droga, tais como: Colômbia, Peru e Bolívia. Provavelmente, a proximidade geográfica vem facilitando o acesso à droga e o consumo pela população brasileira⁹.

O efeito da droga sobre o organismo, além de variar de indivíduo para indivíduo, depende, também, da composição química e da via de acesso da mesma, assim como do tempo de absorção pelo organismo. No caso do álcool, que é ingerido, a absorção é feita pelo estômago e o efeito é mais lento do que o das drogas fumadas, tais como a cocaína e o crack, que chegam aos pulmões e, imediatamente, atingem a corrente sanguínea.

Embora o efeito das drogas seja variável, todas elas ativam mecanismos cerebrais e têm ação no “Sistema Dopamínico”. No entanto, à medida que o efeito do uso é reduzido, a busca de mais e mais prazer, nos indivíduos adictos, gera “fissura” e produz dependência.

Num mundo em que os indivíduos se tornam mais vulneráveis e menos adeptos à frustração, a busca de mecanismos ou de substâncias, que induzam à satisfação, também, tendem à indução do vício e da dependência química. E, conforme as condições sociais do usuário, as possibilidades de superação da dependência ficam cada vez mais remotas.

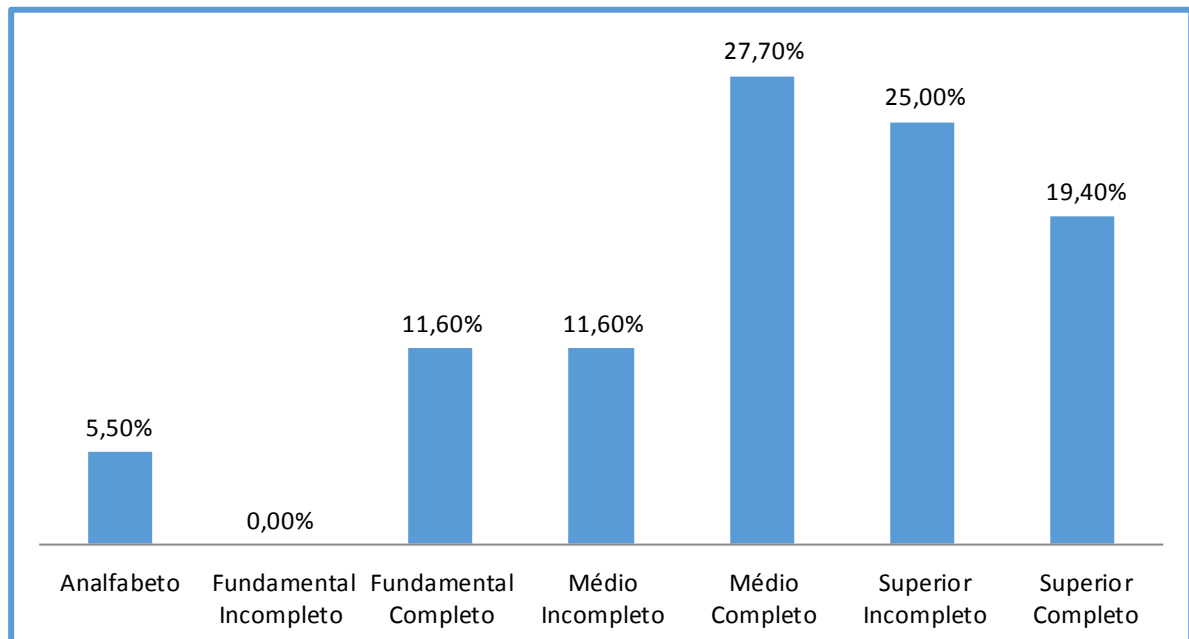
Outra explicação importante para a prevalência de dependentes de cocaína-crack, nos dois Centros Terapêuticos avaliados, pode ser encontrada no estudo realizado pela Fundação Oswaldo Cruz, em parceria com a Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas (Senad). No ano de 2012, estimou-se que 0,8%, cerca de 370 mil pessoas, fazem uso regular de crack e similares, nas vinte e seis capitais brasileiras e no Distrito Federal. A Organização Pan-americana de Saúde define como uso regular, o consumo de crack e similares, durante vinte e cinco dias, nos últimos seis meses.

O mesmo estudo identifica a região Nordeste como a maior concentradora de usuários de crack e similares, entre todas as demais regiões do país, estimando em cerca de 150 mil pessoas, ou seja, 40% do total de indivíduos que fazem uso regular da droga, apenas, nesta região. Este dado contrariou o senso comum, que julgava ser a região sudeste a que continha a maior concentração de usuários. A possível justificativa para essa constatação foi atribuída ao fato de ser o nordeste a região que apresenta o menor Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), entre as demais¹⁰.

Ainda conforme o estudo, um dado que poderá, inclusive, manter esta prevalência aumentada na região nordeste, foi o fato de ser a mesma região a mais prevalente entre o consumo de crack e similares por crianças e adolescentes, estimada em 28 mil usuários, cerca de 56%, do total de 50 mil revelado pelo referido estudo¹⁰.

Quanto ao nível de escolarização dos pacientes assistidos nos Centros Terapêuticos pesquisados, conforme a Figura 4, predomina o nível médio completo, num percentual de 27,7%, seguido do nível superior incompleto num percentual de 25,0%.

Figura 4 - Nível de escolarização dos pacientes assistidos nos centros terapêuticos.

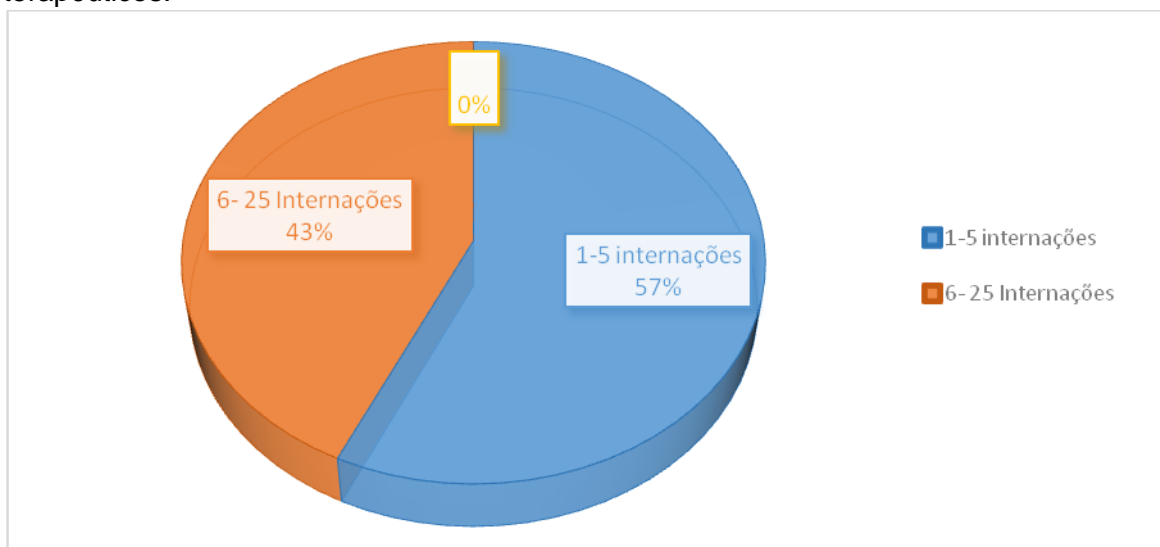


Fonte: dados estatísticos coletados pelo pesquisador. Ano: 2014.

Os dados revelados demonstram que a maioria dos pacientes internados possui certo grau de escolarização. Entretanto, possivelmente, a dependência química parece ter prejudicado o desenvolvimento escolar desses indivíduos, sendo observada uma redução da média de anos de estudo².

Em relação ao número de internações para o tratamento da dependência química, 57% dos pacientes internados nos referidos Centros registravam entre uma a cinco internações, enquanto 43% já haviam sido internados acima de cinco vezes, conforme demonstrado na Figura 4.

Figura 5 - Prevalência de internações pelos pacientes assistidos nos centros terapêuticos.

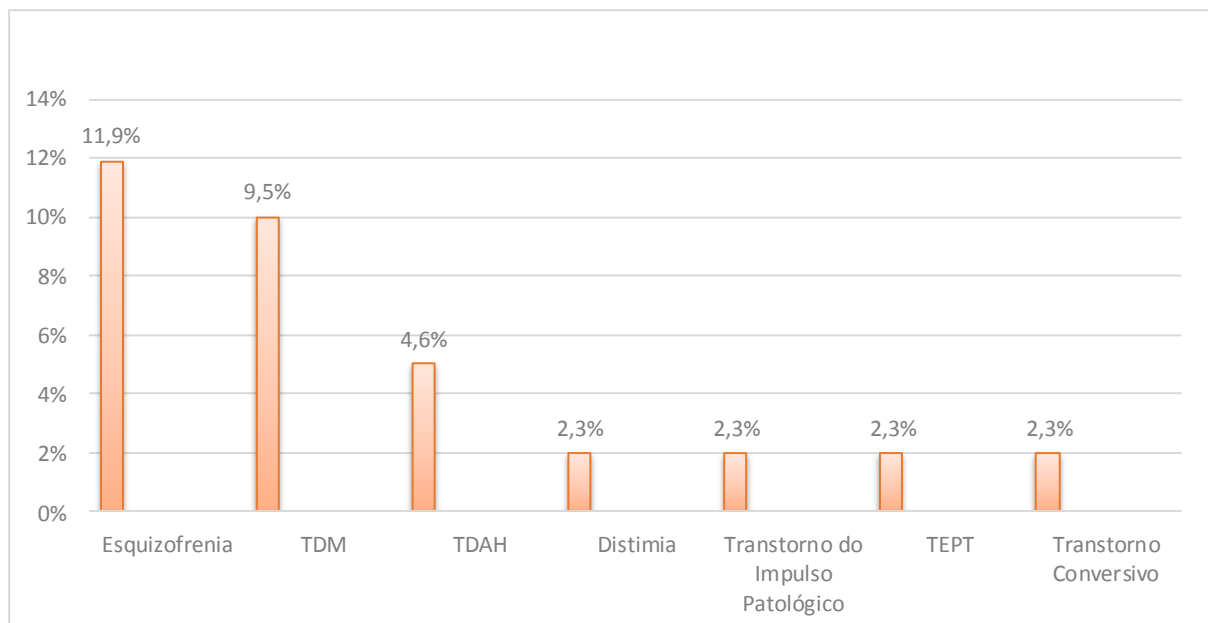


Fonte: dados estatísticos coletados pelo pesquisador. Ano: 2014.

Os dados demonstram que a reinstalação da síndrome de dependência, ou seja, o retorno ao padrão mal adaptativo de consumo, após um período de abstinência, é extremamente comum na população estudada. A justificativa para este achado pode ser atribuída tanto a aspectos relacionados ao próprio paciente, como à ausência de aceitação de sua patologia e/ou ao tratamento proposto, a gravidade da dependência química, bem como pela oferta de tratamentos ineficazes, marcados pela ausência de recursos medicamentosos, de profissionais especializados e de abordagem psicossocial⁷.

Em relação às comorbidades psiquiátricas, reveladas nos respectivos pacientes, conforme a figura 6, 35,2% apresentaram diagnóstico comorbido, sendo a esquizofrenia o de maior prevalência, revelado no percentual de 11,9%, seguido pelo transtorno depressivo 9,5%.

Figura 6 - Prevalência de comorbidades psiquiátricas nos pacientes internados nos centros terapêuticos.



Fonte: dados estatísticos coletados pelo pesquisador. Ano: 2014.

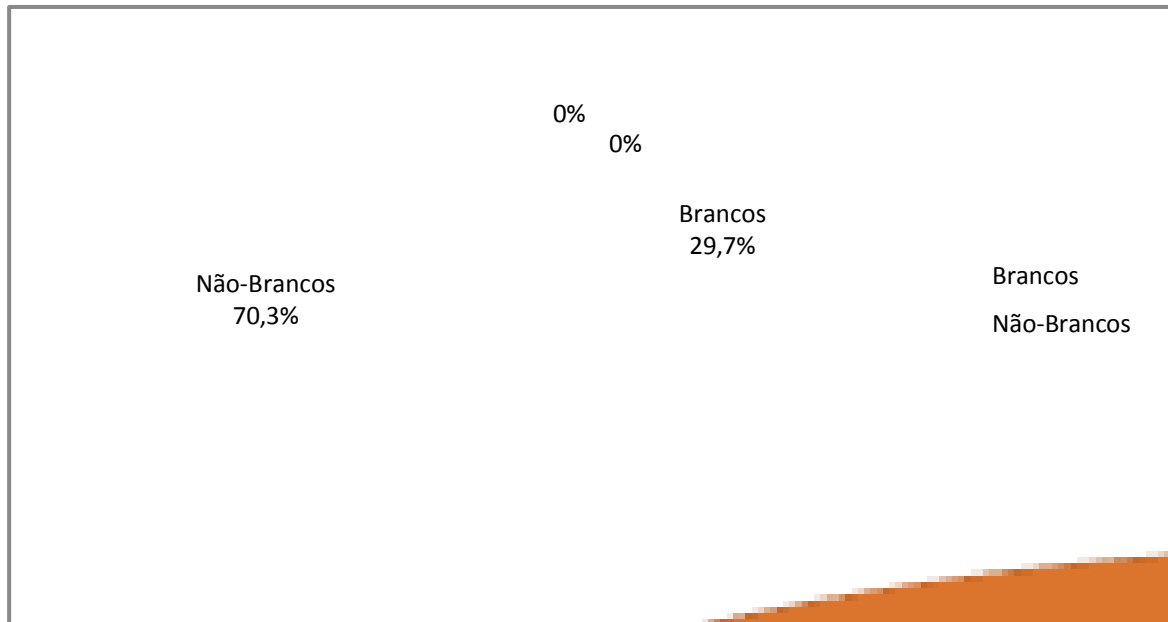
A prevalência de comorbidade psiquiátrica nos referidos pacientes é compatível aos achados da literatura pertinente. Segundo as Diretrizes para o Diagnóstico e Tratamento de Comorbidades Psiquiátricas e dependência de álcool e outras substâncias, do ano de 2006, as prevalências de comorbidades psiquiátricas em dependentes químicos variavam entre 0,5% a 75% nas amostras investigadas. Ainda conforme o estudo, estas variações eram atribuídas a vários fatores, como: tipos de serviços que deram origem às amostras, métodos de avaliação utilizados, variações nas características sócio-demográficas das amostras e variações na disponibilidade de drogas ilícitas na comunidade, entre outros¹¹.

A relação entre comorbidades de abuso ou dependência de substâncias e transtornos mentais graves, além de constatada, parece estar aumentando e este fenômeno tem sido atribuído à disponibilidade de álcool e drogas à população em geral¹¹.

No tocante à cor/raça dos usuários assistidos nos Centros Terapêuticos, observou-se um predomínio de pacientes não brancos, estimados em 70,3%,

conforme a figura 7. Os dados parecem expressar uma representação aumentada das raças pretas e pardas nos centros terapêuticos, pois, segundo o censo de 2010 do IBGE, a população não branca representava cerca de 52% da população brasileira.

Figura 7 - Raça-Cor dos pacientes assistidos nos centros terapêuticos.



Fonte: dados estatísticos coletados pelo pesquisador. Ano: 2014.

Em relação ao estado civil dos internados, verificou-se que a maioria era constituída por solteiros, revelada no percentual de 75%, conforme a figura 8. Este dado apresenta-se em concordância com àqueles constantes na literatura especializada, que demonstra estarem os indivíduos solteiros em maior risco de abuso e dependência de substâncias psicoativas, bem como apresentarem maior afrouxamento nas relações afetivas⁷.

Figura 8 - Estado civil dos pacientes internados nos centros terapêuticos.



Fonte: dados estatísticos coletados pelo pesquisador. Ano: 2014.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo, ao suscitar conexões entre o empírico e o teórico, possibilitou uma melhor compreensão dos vínculos entre prazer e vício, revelados nas formas incontroláveis de busca do prazer e na dificuldade de um adicto manter-se abstinência, quando egresso do tratamento. Verificou-se, também, que essa dificuldade é aumentada, quando o interno é de classe social pobre, tem pouca escolarização e perspectiva de vida limitada, principalmente, por ser originário de uma região de Baixo Índice de Desenvolvimento Humano. Além dessas condições desfavoráveis, o adicto sofre, ainda, pela falta de medicamentos adequados e de tratamentos especializados.

E se esse estudo confirmou informações, divulgadas por Organizações Internacionais e Centros de Pesquisas Especializados, sobre o perfil de usuários de drogas, os Poderes Públicos não podem ignorar o avanço dessa epidemia, que dizima, sobretudo, a população mais carente e mais propensa ao desenvolvimento de comorbidades psiquiátricas.

PROFILE OF DRUG USERS IN THERAPEUTIC CENTER OF THE STATE OF RIO GRANDE DO NORTE

ABSTRACT

The indiscriminate use of psychoactive substances has become a worldwide phenomenon. Although the use of these substances dating back to the dawn of humanity, the problems of abuse and addiction have been reported recently. The addiction, becoming a serious public health problem, because a number of socio-economic losses, occupational, psychological and physical to its users. There are

records of changes in the profile of consumers of psychoactive substances, over the years, due to the diffusion of various types of drugs and initiation of consumption in increasingly early age. In this context, we developed this Article, in order to investigate the drug user's profile, internal Two Therapeutic centers in the State of Rio Grande do Norte, Brazil. It sought in specialized studies, establish connections between pleasure and addiction, to a better understanding of addiction. The methodology is developed in the form of desk study and empirical research was based on the collection of data extracted from medical records of inpatients in the period from October 2013 to March 2014, after approval by the Research Ethics Committee under Protocol 155/14. The study was conducted with forty-two (n = 42) males, young adults, middle-aged and elderly, internal in these centers for the treatment and rehabilitation of drug addicts. From the analyzes, it was concluded that the most recurring profile of substance dependents, assisted in those centers, corresponding to single individuals, young adults, non-white, with a certain level of education, cocaine / crack, with a history more than once, consumption started at an early age, and almost all from the use of alcohol. Knowing the profile of psychoactive substance users becomes an important reference, to ground public policies to prevent and combat drug use and the provision of treatment to users.

Key-words: Substance abuse. Mental health. Drug users.

REFERÊNCIAS

1. Maia JMC, Andrade AG. 100 questões em psiquiatria. Barueri, SP: Manole; 2012. p. 99-93.
2. Linden DJ. A origem do prazer. São Paulo: Campus Elsevier; 2011. p. 25-7.
3. Dihel A, Cordeiro DC, Laranjeira R. Tratamento farmacológico para dependência química da evidência científica à prática clínica. Porto Alegre: Artmed; 2010. p. 245-86.
4. Sadock BJ, Sadock VA. Compêndio de psiquiatria. Porto Alegre: Artmed; 2007. p. 426-12.
5. Anthony JC, Andrade AG. Álcool e suas consequências: uma abordagem multiconceitual. Barueri, SP: Manole; 2009.
6. Carlini EA, Galduroz JCE, Noto AR, Nappo AS. II levantamento domiciliar sobre o uso de drogas psicotrópicas no Brasil: estudo envolvendo 108 maiores cidades do país 2005. São Paulo: Unifesp; 2005.
7. Ribeiro M, Laranjeira R. O tratamento do usuário de crack. São Paulo: Casa Leitura Médica; 2010. p.13-59.
8. Mari JJ, Kieling C. Psiquiatria na prática clínica. Barueri, SP: Manole; 2013. p. 169-205.
9. UNODC — United Nations Office on Drugs and Crime. World Drug Report, Vienna; 2013.

10. Pimentel J. Estudo da Fiocruz estima alcance do crack nas capitais brasileiras [Internet]. Rio de Janeiro: Portal DSS Brasil. [acesso em: 20 mar. 2014] Disponível em: <http://dssbr.org/site/2013/10/estudo-da-fiocruz-estima-alcance-do-crack-nas-capitais-brasileiras/>.

11. Laranjeira R; ZaleskiM, Ratto I. Diretrizes da Associação Brasileira de Estudos do Álcool e outras Drogas (ABEAD) para o diagnóstico e tratamento de comorbidades psiquiátricas e dependência de álcool e outras substâncias. Revista Brasileira de Psiquiatria, Florianópolis. 2006;2(28):142-48.

Recebido em: 25.06.14 Aceito em: 01.04.15
--